



**UCRÂNIA /** Alemanha hesita em fornecer equipamentos a Kiev e coloca em xeque os esforços dos países aliados contra ameaça russa. Polônia e Finlândia indicam que podem enviar as máquinas de guerra

# Disputa sobre tanques divide o Ocidente

» RODRIGO CRAVEIRO

Um impasse envolvendo uma promessa da Alemanha em fornecer tanques de guerra Leopard 2 à Ucrânia evidenciou fraturas na aliança ocidental formada para suprir Kiev com armamentos. Especialistas consideram que o equipamento (**veja foto**) tem o potencial de mudar os rumos do conflito, depois de uma série de reveses sofridos por Moscou. A Rússia insiste que queimará os tanques inimigos e garante que a entrega dos armamentos não mudará “nada” no campo de batalha.

No início de uma reunião dos países aliados, na base americana de Ramsterin (Alemanha), o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, disse que precisa proteger o seu povo dos bombardeios russos e fez um apelo, por meio de videoconferência: “Temos que acelerar (o recebimento de ajuda); o tempo deve se tornar nossa arma em comum, assim como a defesa área, a artilharia, os blindados e os tanques”. “Está em suas mãos poder lançar esta importante entrega que vai deter o mal”, acrescentou Zelensky.

Apesar da resistência de Berlim, o ministro da Defesa da Polônia, Mariusz Błaszczak, admitiu estar convencido de que os aliados ocidentais conseguirão superar as diferenças e formar uma coalizão para despachar os tanques Leopard 2 para a Ucrânia. Ontem, a Alemanha explicou que avalia os “prós e contras” de repasse dos equipamentos. “Não estamos hesitando, apenas estamos pesando os prós e os contras (...) Temos a responsabilidade de pensar, detidamente, nas consequências para todas as partes no conflito”, comentou o ministro da Defesa da Alemanha, Boris Pistorius.

O ministro das Relações Exteriores polonês, Zbigniew Rau, advertiu que vidas serão perdidas por conta da relutância da Alemanha. “Armar a Ucrânia para repelir a agressão russa não é o tipo de um exercício de tomada de decisão. O sangue ucraniano tem sido derramado de verdade. Este é o preço da hesitação sobre as entregas do Leopard. Precisamos de ação, agora”, escreveu no Twitter. Além da Polônia, a Finlândia sinalizou que

Wojtek Radwanski/AFP



## Potencial de fogo, mobilidade e proteção

Desenhado pelo fabricante alemão Krauss-Maffei, o tanque Leopard 2 (**foto**) foi produzido em série desde o fim dos anos 1970 para substituir os tanques norte-americanos M48 Patton e, depois, os Leopard 1. Até hoje, 3.500 exemplares saíram das cadeias de produção. Com 60t e dotado de um canhão de calibre 120mm, é capaz de disparar em movimento. O motor, de 1.500 cavalos de potência, permite que alcance uma velocidade máxima de 70km/h, com uma autonomia de 450km. Segundo o fabricante, também possui “proteção passiva integral”, eficaz contra minas e lançafoguetes. Além disso, conta com ferramentas tecnológicas que permitem localizar e atacar o inimigo a grande distância. Outra vantagem é que o Leopard está bastante difundido na Europa, o que facilita o acesso a munições e peças de reposição.

pode enviar os Leopard que tem à disposição, caso Berlim autorize. No entanto, o consentimento alemão é uma incógnita. O secretário da Defesa dos Estados Unidos, Lloyd Austin, recusou-se a culpar a Alemanha, um aliado histórico, mas ressaltou que “todos podemos fazer mais pela Ucrânia”.

## Ceticismo

Por sua vez, Mark Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto dos EUA, demonstrou ceticismo em relação a um fim iminente do conflito. “De um ponto de vista militar, sigo sustentando que, neste ano, será muito difícil expulsar por completo as forças russas de todas as regiões ocupadas da Ucrânia.”

Na segunda-feira, o Reino Unido anunciou o envio de 600 mísseis Brimstone para o teatro de operações. “Isso será extraordinariamente importante para ajudar a Ucrânia a dominar o campo de batalha”, afirmou o ministro da Defesa britânico.

Especialista da Escola de Análise Política, em Kiev, Anton Suslov não se surpreende com a indecisão da Alemanha em enviar os tanques à Ucrânia. Ele lembra que este tem sido o modus operandi de Berlim desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro passado. “No entanto, alguns suprimentos que não imaginávamos quase 11 meses atrás tornaram-se uma realidade, o que prova que nada é impossível”, lembrou ao **Correio**.

De acordo com Suslov, o governo de Olaf Scholz adotou uma estratégia de evitar provocações. “Os alemães acreditam que algumas armas possam aticar o presidente russo, Vladimir Putin. No entanto, Boris Pistorius anunciou hoje (ontem) que pediu uma inspeção no estoque de tanques Leopard 2”, comentou. O estudioso lamenta que a Ucrânia sempre pague com as vidas dos cidadãos pela relutância a comunidade internacional. “Alguns discussões políticas vale uma vida humana?”, questionou Suslov.

## Mercenários

O governo dos Estados Unidos designou, ontem, o grupo paramilitar russo Wagner como uma

organização criminosa transnacional”, aumentando a pressão sobre o grupo armado privado que combate na Ucrânia e também atuou na Síria. O Grupo Wagner “é uma organização criminosa que continua cometendo atrocidades generalizadas e abusos contra os direitos humanos”, declarou o porta-voz de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby.

Ele acrescentou que “o Grupo Wagner conta atualmente com cerca de 50 mil pessoas destacadas na Ucrânia, entre elas 10 mil mercenários e 40 mil prisioneiros”. O Ministério da Defesa da Rússia tem demonstrado reservas em relação ao método de recrutamento adotado pelo Grupo Wagner, aliado do Kremlin.

AFP



## REINO UNIDO Rishi Sunak multado por não usar cinto de segurança

Em um sinal de que a lei é para todos, não importa o prestígio ou o poder, o primeiro-ministro do Reino Unido, Rishi Sunak (**foto**), foi multado por não usar o cinto de segurança, enquanto fazia um vídeo para as redes sociais. Em nota, a 10 Downing Street — sede do governo — informou que o premiê “aceita totalmente que cometeu um erro e se desculpa”, além de ter se comprometido a pagar a multa. Segundo a emissora BBC, passageiros flagrados sem o cinto devem arcar com uma multa de 100 libras esterlinas (cerca de R\$ 645).

## PERU

### Crise política afeta a indústria do turismo

O Peru manteve fechados, ontem, os aeroportos das regiões de Cusco e de Arequipa. Também interrompeu o serviço de trens para a cidadela inca de Machu Picchu por conta dos protestos contra a presidente Dina Boluarte, que somam mais de 50 mortos. As operações dos terminais aéreos foram suspensas na quinta-feira pelos violentos protestos de centenas de manifestantes. Dezenas de turistas estrangeiros e nacionais esperam com suas bagagens, em frente ao aeroporto de Cusco, a sua reabertura para viajar, segundo imagens veiculadas na televisão.

## ORIENTE MÉDIO

### Sauditas condicionam relação com Israel

A Arábia Saudita se recusa a normalizar as relações com Israel sem a criação de um Estado palestino, declarou o ministro das Relações Exteriores do reino do Golfo, Fayçal bin Farhan. Em visita a Riad, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e o conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Jake Sullivan, abordaram, anteontem, a possibilidade de “expandir” os Acordos de Abraão, por meio dos quais foram oficializadas as relações entre Israel e outros países árabes. “Uma verdadeira normalização e uma verdadeira estabilidade chegarão apenas se forem dadas esperança e dignidade aos palestinos, e isso passa por dar-lhes um Estado”, reagiu Bin Farhan, em um vídeo divulgado ontem no Twitter.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# A saúde da democracia no raio x

O presidente Lula embarca amanhã para Buenos Aires e participa, na terça-feira, da reunião de cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), “cria” de seu primeiro período no Planalto (2003-2010). O encontro era aguardado com expectativa por marcar o retorno do Brasil ao grupo, do qual se afastou formalmente no governo Bolsonaro. Os acontecimentos das últimas semanas, porém, colocaram no topo da agenda um exame profundo e abrangente do estado de saúde da democracia na região.

O próprio presidente brasileiro representa com eloquência a situação, ainda em meio às ondas de choque irradiadas pela intentona golpista de 8 de janeiro, exatamente uma semana depois da posse. O suspiro aliviado que se seguiu ao fracasso da investida ultradireitista em Brasília se mistura às fortes impressões deixadas pelo

episódio — seja pelas imagens da destruição nas sedes dos três Poderes, seja pela exposição de uma trama com raízes subterrâneas e conexões que se estendem do agronegócio aos quartéis.

Se por aqui o espasmo de violência cedeu, o contrário acontece no Peru, que mergulha na instabilidade desde a destituição e prisão do presidente Pedro Castillo, no início de dezembro. Eleito por um partido que se proclama marxista-leninista, mas que rompeu com o governo nos primeiros dias de gestão, Castillo tentou dissolver o Congresso. Agora, seus partidários protestam nas principais cidades, em especial no sul do país, e marcham para Lima para exigir a saída da presidente em exercício, Dina Boluarte, e a convocação de eleições gerais. Em pouco mais de um mês, confrontos com as forças de segurança deixam um saldo de mais de 50 mortos.

## Banho-maria

Os dois pontos nevrálgicos de instabilidade não são os únicos onde se mostram fissuras no tecido democrático da América Latina, construído ou recomposto em tempo relativamente recente. Começando pela Justiça do encontro, a Argentina, onde a Justiça fecha o cerco à vice-presidente, Cristina Kirchner. O presidente Alberto Fernández, que forma com ela a dupla dirigente da centro-esquerda, sofre para domar a crise econômica, em especial a inflação galopante.

Também na Bolívia fermenta uma crise entre o presidente esquerdista, Luis Arce, e a oposição de direita, dominante nas prósperas regiões fronteiriças ao Brasil. Ainda há pouco mais de três anos, o país viveu um golpe militar que impediu nova reeleição do então presidente, Evo Morales.

Pouco mais de um ano depois, no fim de 2020, o Movimento ao Socialismo (MAS), de Evo, voltou ao poder com Arce — mas está longe de uma trégua política com a elite política direita de Santa Cruz de la Sierra.

## Maratona à esquerda

A primeira viagem de Lula ao exterior como presidente prevê também uma agenda carregada de encontros bilaterais, o primeiro deles com o anfitrião. Alberto Fernández visitou o compañero na prisão, em Curitiba, e foi a São Paulo cumprimentá-lo pela vitória no dia seguinte ao segundo turno. Voltou a estar frente a frente no dia da posse.

É justamente pela esquerda que o presidente complementará, em Buenos Aires, a maratona de conversas que manteve em 1º e 2 de janeiro. A cúpula da Celac dará oportunidade para o primeiro encontro com o presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel, com a perspectiva de relançar a parceria incrementada nos governos petistas.

Lula deve se reunir também com Nicolás Maduro, como desdobramento da decisão tomada de retomar as relações formais com a Venezuela, congeladas por Bolsonaro — que reconheceu desde sempre o autoproclamado “presidente interino” Juan Guaidó.

## Cortesia à direita

O roteiro traçado para a viagem inaugural, a seis mãos com o chanceler Mauro Vieira e o assessor especial Celso Amorim — que comandou o Itamaraty nos oito anos em que Lula ocupou o Planalto — prevê também um aceno ostensivo aos vizinhos de direita. O retorno ao Brasil terá escala em Montevideú, como gesto de cortesia ao presidente Luis Lacalle Pou, um dos que prestigiaram a posse em Brasília.

Como outros governantes que não falam propriamente em uníssono com o colega, Lacalle Pou não titubeou em condenar a intentona de 8 de janeiro e prestar solidariedade à democracia brasileira.